



“Faz um vídeo bonito quando a gente tiver dançando e bata as fotos”: ensaio visual do Guerreiro São Pedro Alagoano

Resumo: As fotografias apresentadas nesse ensaio visual foram produzidas por mim durante a pesquisa de mestrado realizada entre 2017 e 2018. São fotografias de duas apresentações do grupo Guerreiro São Pedro Alagoano na Praça Deodoro e no Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore, ambos em Maceió/AL. Essas imagens contam várias histórias e trazem diversas discussões, principalmente sobre o contexto do Guerreiro no século XXI.

Palavras-chave: Guerreiro; Fotografia; Folclore, Alagoas.

“Make a nice video when we’re dancing and take pictures”: visual essay about the Guerreiro São Pedro Alagoano

Abstract: The photographs presented in this visual essay were produced by me during my master’s research carried out between 2017 and 2018. They are photographs of two presentations by the Guerreiro São Pedro Alagoano group at Praça Deodoro and at the Théo Brandão Museum of Anthropology and Folklore, both in Maceió-AL. These images tell countless stories and bring several discussions, mainly about the context of the Guerreiro in the 21st century.

Key words: Guerreiro; Photography; Folklore, Alagoas.

¹ -Mestra em Antropologia Social pela Universidade Federal de Alagoas.

E-mail: souzaiaara88@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0480-1350>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1016338620371902>

“Bata as fotos”

As fotografias aqui apresentadas trazem diversas narrativas. Elas contam não só o que aconteceu no dia fotografado, mas falam do que é o Guerreiro e da minha inserção no campo enquanto antropóloga e fotógrafa. As imagens são do Guerreiro São Pedro Alagoano (coordenado pela senhora Maria Helena) e foram registradas em agosto de 2018 no Centro de Maceió e no Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore (MTB) durante a realização da pesquisa de mestrado[1].

A pesquisa foi uma etnografia sobre o processo de compartilhamento de fotografias do arquivo etnográfico de Théo Brandão que faz parte do acervo MTB[2]. Apesar do interesse pela fotografia, eu não tinha a intenção de fazer registros dos Guerreiros, mas o campo me fez fotógrafa, foi a partir de um pedido de Dona Marlene que comecei a fotografar.

A câmera fotográfica foi uma ferramenta importante, pois me aproximou de outros brincantes. Dar as fotografias para o grupo também foi uma experiência interessante, pois pude saber da opinião deles sobre as imagens e o destino/uso delas. Dona Marlene, por exemplo, utiliza fotografias como documento para submissão em editais de incentivo à cultura, mas há aqueles que simplesmente as incorporaram ao acervo doméstico.

O Guerreiro é uma expressão popular alagoana que engloba dança, canto e teatralidade, são os chamados folguedos. Théo Brandão (2003; 2007) foi um dos folcloristas alagoanos que pesquisou os Guerreiros e Reisados de maneira minuciosa. Segundo o autor, os Reisados e Guerreiros são autos natalinos de origem portuguesa que se misturaram a expressões negras e indígenas.

Apesar dessa influência europeia, o Guerreiro também é um folguedo afro-indígena, não só na sua formação, mas na cor da pele, nos traços e crenças daqueles que os compõe. É Abelardo Duarte (2010) que caracteriza os Reisados e Guerreiros como sendo parte do folclore negro de Alagoas.

A influência negra e os conflitos de ser negro também são expressos nos Guerreiros através dos personagens, da religiosidade, das letras das peças e dos ritmos tocados. Nas apresentações também há menção aos santos católicos, aos Orixás, a espíritos, como também há personagens que fazem parte do folclore e da literatura brasileira e alagoana, a exemplo do lobisomem, do índio Peri e do Zabelê.

1 - O título é: “Eu sou alagoano, aonde o Guerreiro mora”: uma etnografia sobre o compartilhamento de fotografias de Guerreiro do arquivo etnográfico de Théo Brandão.

2 - A ação fez parte do projeto: “Memória e Fotografia no Folclore Alagoano: da Preservação ao Compartilhamento das Imagens”, coordenado pela professora Fernanda Rechenberg (PPGAS/Ufal). O processo foi publicado no artigo “Reflexões sobre experiência no processo de tratamento, digitalização e compartilhamento do acervo fotográfico de Théo Brandão” em 2019.

Penso que é difícil não pensar nas discontinuidades e permanências dos Guerreiros. Uma permanência é a rua como lugar de apresentação, as praças de Maceió são lembradas pelos brincantes como o lugar onde os ensaios e apresentações ocorriam, as fotografias deste ensaio, por exemplo, foram realizadas na Praça Deodoro. Um fato interessante é que essa apresentação foi um protesto dos brincantes devido ao pouco incentivo à cultura popular por parte das autoridades locais. Os próprios brincantes arcam com os altos custos de manutenção dos trajes e chapéus.

Há vários personagens no Guerreiro, aqueles que mais me chamam a atenção são Mateu e o Palhaço, eles fazem brincadeiras, piadas e animam o público. No entanto, algo problemático é que parte da composição do personagem Mateu é a pintura da face com tinta preta e isso pode reforçar o racismo recreativo, além de colocar o negro num lugar passível de ridicularização.

Como se pode ver nas fotografias, os grupos são formados por idosos em sua maioria, ao contrário do que ocorria há 50 ou 70 anos atrás. A ausência de jovens nos Guerreiros é uma das queixas mais frequentes entre os brincantes, eles sempre apontam que no período da adolescência surgem outros interesses e os jovens deixam de frequentar o Guerreiro.

Uma mudança significativa dentro dos grupos hoje é a liderança das mulheres. Antes a presença masculina era dominante, fosse como mestre, dono ou coordenador. Hoje, são as mulheres que assumem esses papéis, mulheres negras em sua maioria. São elas que assumem o papel de “não deixar a cultura cair”, elas negociam os cachês das apresentações, organizam os ensaios, criam peças e cuidam dos trajes.

Referências

BRANDÃO, Théo. Folguedos Natalinos. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, Museu Théo Brandão, 2003.

BRANDÃO, Théo. O Reisado Alagoano. Maceió: Edufal, 2007.

DUARTE, Abelardo. O Folclore Negro das Alagoas: áreas da cana-de-açúcar pesquisa e interpretação. Maceió: Edufal, 2010.









